

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

AS VARIAÇÕES DE HONG SANG-SOO

17 e 30 de Dezembro de 2019

BOOK CHON BANG HYANG / 2011

“O DIA EM QUE ELE CHEGA”

um filme de HONG SANG-SOO

Realização, Argumento: Hong Sang-soo *Fotografia:* Kim Hyun-jg-koo *Montagem:* Hahn Sung-won *Música:* Jeong Yong-jin, We Zongyun *Interpretação:* Yoo Jun-sang (Seong-jun, ex-realizador e professor de cinema), Kim Sang-joong (Younb-ho, crítico de cinema e amigo de Seong-jun), Song seon-mi (Bo-ram, professora de cinema), Kim Bo-kyung (ex-namorada de Seong-jun / Ye-jeon, dona do bar), Kim Eui-sung (Joong-won, um ex-actor), Park Soo-min (uma actriz), Go Hyun-jung (uma fã), Gi Ju-bong (um produtor), Baik Hyun-jhin (um compositor), Ahn Jae-hong, Bae Yoo-ram, Jeong Ji-hyeong (os estudantes).

Produção: Jeonwonsa Film (República da Coreia, 2011) *Produtor:* Kim Kyoung-hee *Cópia:* Fine Cut, 35 mm, cor e preto e branco, legendada em inglês e electronicamente em português, 80 minutos *Título internacional:* THE DAY HE ARRIVES *Tradução literal do título:* “Para Bukchon” / “Destino Bukchon” *Primeira apresentação pública:* 19 de Maio de 2011, no Festival Internacional de Cinema de Cannes *Inédito comercialmente em Portugal Primeira exibição na Cinemateca.*

N’“O DIA EM QUE ELE CHEGA”, *ele* é um realizador que não realiza exilado no campo, e *ele chega* a Bukchon (“vila do Norte”), o nome do bairro de Seul mais conhecido como uma “aldeia” situada entre os palácios de Gyeongbokgung e Chagdeokgung dentro da grande cidade. É um bairro que mantém o ambiente antigo da capital, com as suas casas tradicionais de madeira, pedra, terra, papel de arroz e telhados inclinados, ditas *hanok*, hoje bares, galerias de arte, pousadas ou casas de chá, e estabelecimentos “de outros tempos” como os banhos públicos ou uma barbearia ou um acolhedor café-bar de beco difícil de encontrar que, pelo menos neste filme, se chama “Novela” (ou “Romance”). Nos guias turísticos Bukchon é passagem obrigatória, descrito como um local em que o passado e o presente coexistem, facilitando a perda do sentido do tempo. N’“O DIA EM QUE ELE CHEGA”, cujo primeiro plano localiza imediatamente o lugar através de uma placa indicativa das direcções do trânsito, a toponímia é importante, identificando sítios como a igreja de Andong, a biblioteca pública, a barbearia, o restaurante ou o bar que *ele* frequenta durante o tempo do filme, percorrendo os becos e vielas sinuosas que Hong Sang-soo filma entrosando-se com o quotidiano do bairro do ponto de vista não turístico de quem o habita.

O espaço é pois decisivo. O tempo é central, mas indeciso, n’“O DIA EM QUE ELE CHEGA”, não sendo certo para que dia ou dias aponta o título, mesmo se as primeiras frases do narrador começam por declarar a sua chegada para *uns dias* de estadia sossegada. Terá sido a mesma vagueza ambígua, e o desejo de simplicidade, que levou Hong Sang-soo a concluí-lo a preto e branco, como antes dele a “VIRGEM DESNUDADA PELOS SEUS PRETENDENTES” (2000) e depois dele O DIA SEGUINTE, GRASS, “HOTEL À BEIRA-RIO” (2017/18). No caso deste filme, Hong referiu a escolha como um momento pós-montagem em que encontrou a sensação invernal de Seul que queria transmitir bem como a opção mais condigna com o tipo de pormenores repetitivos em que a estrutura do filme assenta. Em rigor, trata-se de um filme a cores e preto e branco (o preto e branco é impresso em película colorida no caso da cópia 35 mm que apresentamos), já que o primeiro e último planos são vivas manchas de cor. Um luminoso vermelho cereja, um azul quase turquesa.

Ele chega então a Bukchon, dando conta ao que vem na voz off. Em visita, para um encontro com um amigo que não avisou e que tem o telemóvel desligado nesse momento. “Não tem para onde ir” e “não quer encontrar-se com mais ninguém”, há-de “passear e comprar uns livros, comer boa comida”, mas saem-lhe logo na rifa cruzamentos com outras pessoas conhecidas e desconhecidas. “Realizador Yoo!” Quando se encontra com o amigo crítico de cinema também ele traz outros convivas, uma professora sua amiga, um antigo actor que tem andado a fazer negócios no Vietname, a própria dona do barzinho em que conversam e bebem

longamente dando azo aos planos de duração longa das sequências à mesa de Hong Sang-soo. A teia tece-se entre todos e é no “Novela”, à segunda vez, conduzidos pela voz off como se fosse a primeira a que já assistimos (e que há-de repetir-se numa terceira variação), que percebemos estar a experimentar a sensação *déjà vu* de *GROUND DOG DAY* (1993), um filme de outra galáxia cinematográfica em que inexplicavelmente Bill Murray acorda sempre no mesmo dia. O “feitiço do tempo”, título português do filme de Harold Ramis, levamos aqui a outras paragens romanescas. As de Hong Sang-soo, que filme a filme tanto lembra o que está verbalizado em “A COLINA DA LIBERDADE” (2014): “O tempo não é uma coisa real. O nosso cérebro fabrica o quadro mental da continuidade temporal – passado e presente e futuro. Penso que não é forçoso que experimentemos a vida assim.” Ou, nas palavras do próprio realizador que acolhem a “infinidade dos mundos possíveis” importando tempos simultâneos da realidade concreta, sonhada, recordada, fantasiada: “os fragmentos da memória, do sonho, da imaginação e os fragmentos da realidade são apenas diferentes na designação.”

Já o (ex-)realizador protagonista d’“O DIA EM QUE ELE CHEGA” exprime-se assim, a propósito da estranheza de que fala a professora sobre um encontro com quatro pessoas do cinema com quem nesse dia se cruzou ou a do crítico que conta a vez em que se cruzou acidentalmente três vezes com a mesma pessoa – num reflexo bifurcado do próprio filme: “Não há razão. Na vida, as coisas do acaso acontecem-nos sem uma razão. Escolhemos umas poucas e compomos uma linha de pensamento, formada por todos esses pontos a que chamamos razão.” A força operativa das coincidências é explanada com um exemplo e algum pormenor na sequência em causa, a da primeira vez da noite no “Novela” que acaba na madrugada a quatro debaixo de neve. Mas é importante notar que é em *raccord* com essa conversa que pela primeira vez ouvimos os passos em sapatos de salto alto da dona do bar, conhecida (pela primeira vez) então. Nesse plano, Ye-jeon surge de costas, no beco, encaminhando-se para a porta do “Novela” enquanto ele continua a argumentar em favor da tese do acaso, falando da recorrência do desastre iminente na vida de cada um. “És esperto”, diz sorridente a mulher sentada à mesa. E então entra a mulher elegante e sobretudo claro. Talvez não se note logo tão diferentes são os estilos de uma e de outra, mas é decisiva a parecença de Ye-jeon e da ex-namorada do protagonista, visitada antes (na única das vezes que surge em campo no filme). E que a semelhança se deva ao facto de serem interpretadas pela mesma atriz, não é decerto coincidência. Também parecidas são as histórias interrompidas que o homem mantém com ambas, o que leva ao ponto em que uma das teclas bate (além de literalmente, nas cenas ao piano do “Novela”): presente e passado imiscuem-se ou o passado exerce o seu poder assombrador sobre o presente.

Seja um dia sejam uns quantos dias, na repetição anunciada quando a primeira conhecida não reconhecida chama por ele na rua da primeira vez, a estadia em Bukchon do realizador Yoo é uma experiência poética de Inverno, flocos de neve, beijos, vinho de arroz, mensagens telefónicas, conversas de ocasião ou nada frívolas, os pequenos acidentes ou as coincidências danadas. O realizador Yoo sai dela com o mesmo ar do desconcerto com que chega à cidade. No final, também se cruza com uma rapariga, desta feita realmente desconhecida, uma fã que viu todos os (quatro) filmes dele, com uma máquina fotográfica a tiracolo. “O que faz?” Tira fotografias, como uma rapariga no anterior “FILME DE OKI” (2010), como a Claire de “A CÂMARA DE CLAIRE” (2017) e várias outras personagens de outros tantos Hong. “Como quem mantém um diário.” E assim, desta vez, o protagonista que continua a não gostar de ser fotografado, aceita. Na rua, à neve, abeira-se de uma fachada de tijolo e acerta a pose para o acerto de enquadramento da fotógrafa. Ela clica e clica e volta a clicar aproximando-se dele com o mesmo vagar subtil da câmara de Hong Sang-soo, que já reenquadrara delicadamente o plano uns instantes antes e então se lança num zoom final para o isolar na imagem terminando o filme no plano aproximado que lhe mostra o olhar desarmado, o movimento involuntário de quem engole em seco, um desamparo bastante bonito. Como num romance.

Maria João Madeira